

# Bonecas Pintadas: o papel do brinquedo para a diversidade étnico-racial

*Painted dolls: the function of the toy to the ethnic-racial diversity*

FÁTIMA NADER SIMÕES CERQUEIRA\*

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio de 2016.

\*Brasil, artista visual. Licenciatura e Bacharelado em Artes Plásticas, Mestrado em Arte, Doutorado em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras. Vitória - ES - CEP 29075-910 Brasil. E-mail: fatimanader@yahoo.com.br

**Resumo:** A transformação de bonecas loiras em negras pelas mãos de alunos do Ensino Médio e de Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas aulas de Arte de uma escola pública situada no bairro Ilha das Caieiras, em Vitória, Espírito Santo, Brasil foi a culminância de uma reflexão realizada sobre os padrões de beleza europeus veiculados pelos mídia e que produzem uma baixa estima nos sujeitos que possuem como referencial simbólico, desde a infância, tipologias de corpo e cor de pele sem par com suas histórias de vida em suas heranças culturais.

**Palavras chave:** beleza / brinquedo / cultura afro-brasileira.

**Abstract:** The transformation of blonde dolls in black by the hands of students of High School and of Education of Young and Adults, in art classes of one public school located in the Ilha das Caieiras neighborhood, in Vitória, Espírito Santo, Brazil, was the culmination of a reflection fulfilled about the europeans patterns of beauty propagated by the media that produce a lower esteem in the subjects that posseses as symbolic referential, since the childhood, typologies of body and skin color that doesn't have conection with their life story in their cultural heritages.

**Keywords:** beauty / toy / african-brazilian culture.

## Introdução

O objetivo deste artigo é o de relatar uma experiência vivida em 2015, no decorrer de atividades realizadas durante as aulas de Arte, com a participação de duas turmas de Ensino Médio e de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em escola pública situada no bairro Ilha das Caieiras, em Vitória, Espírito Santo, Brasil. As discussões sobre o Dia da Consciência Negra (comemorado em novembro) e a importância da evidência de questões em torno da diversidade étnico-racial presentes no país, do preconceito e das referências americanas e europeias importadas foram aprofundadas pelos alunos à medida que os mesmos refletiam sobre a cultura africana, os padrões de beleza veiculados pelos mídia, os produtos industriais destinados, indiferenciadamente, a população negra — como cosméticos e brinquedos, entre outros temas abordados.

Aos poucos, os alunos observaram nas queixas em comum que, ao longo do tempo, essas lacunas não supridas eram capazes de produzir, simbolicamente, uma baixa estima dos sujeitos que possuem como maior referencial, desde a infância, tipologias de homens e mulheres de sucesso cujos corpos e cor de pele não encontravam correspondências em suas histórias de vida ou em suas heranças culturais.

Outrossim, integrantes das turmas relataram a dificuldade em obter produtos infantis capazes de revelar a cultura de descendência africana e dialogar com as necessidades das crianças que simbolizam suas famílias enquanto brincam.

Visto isso, os alunos se dispuseram a adquirir bonecas negras no comércio da cidade para vesti-las com outras referências culturais que não a americana ou europeia. Logo, desistiram e partiram em busca de imitações da boneca Barbie, já que não encontraram bonecas negras para modificarem apenas seus penteados e suas roupas, decidindo por pintá-las com spray em tonalidades de marrom (Figura 1).

Para tal, buscou-se não isolar o sentir de cada turma constituída, em sua maioria, por alunos afrodescendentes, moradores de bairros de periferia que constituem a região da Grande São Pedro, localizada ao lado noroeste da Ilha de Vitória e formada a partir de uma ocupação desorganizada de uma área de mangue por famílias que se instalaram no local e que sobreviviam da coleta de materiais (e até de alimentos) provenientes de uma área que recebia os resíduos da cidade: um lixão.

É importante ressaltar que as aulas não foram desenvolvidas e/ou embasadas somente na memória de pessoas negras, mas do resgate da memória coletiva que interessa a todos habitantes:



**Figura 1** · Bonecas e tecidos pintados a mão. Fonte: própria.

**Figura 2** · Pintura e arquitetura do povo Ndebele. Fonte: <http://www.mmo.co.mz>.

**Figura 3** · Boneca Ndebele. Fonte: <http://www.mmo.co.mz>.

*Como, então, reverter esse quadro preconceituoso que prejudica a formação do verdadeiro cidadão e a educação de todos os alunos, em especial os membros dos grupos étnicos, vítimas do preconceito e da discriminação racial? Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados (Munanga, 2005:16).*

Logo, trata-se de um lugar no qual os sujeitos, historicamente, estiveram ocupando espaços marginais da cidade. O resgate dessa história não pertence somente àquelas pessoas afetadas, mas a toda cultura formada nas condições desiguais de desenvolvimento social e econômico.

Em sala de aula, ninguém falava das dificuldades sofridas pelos antigos moradores, senão como alguém estranho que viveu em um passado remoto. Alguns alunos depuseram sobre suas origens fora dali, de estados distantes, mas os que dali vieram, não tinham “nada” a testemunhar.

Entretanto, tais tentativas de diálogo apontavam, em seus silêncios, não para a mera necessidade de uma forma gentil de escuta, mas para a construção de procedimentos necessários para alavancar, metodologicamente, a reflexão crítica, a pesquisa teórica e as atividades práticas em torno do que seria o “Dia da Consciência Negra”.

O foco da investigação volta-se, então, para algo menos dolorido: outras formas de ser negro sem que fosse preciso falar do envolvimento afetivo, em torno da investigação da pintura mural realizada pela tribo Ndebele, na África do Sul e seus desenhos geométricos riscados com giz e pigmentos de terra e cal, de grandes áreas brancas e contornos em negro (Figura 2).

As mulheres Ndebele criam bonecas com significados específicos, como as avós que fazem para as filhas, por exemplo, sendo cerzidas com tecidos de algodão e bordadas com contas (Figura 3).

Enquanto isso, outro grupo de alunos surpreenderam-se e se identificaram com o caso do empresário nigeriano Okoya que criou bonecas negras para que as crianças fossem expostas à diversidade durante as brincadeiras e não se tornassem inseguras diante de um modelo exterior a sua identidade cultural (Figura 4).

A *Queens of Africa* fabrica seis modelos de bonecas, que representam os três maiores grupos étnicos da Nigéria: Hausa, Igbo e Yoruba. Os cabelos e as roupas se baseiam em looks de mulheres africanas. Para esta empresa, tudo começou quando o empresário não encontrou uma boneca negra para dar de presente a

sua sobrinha, em 2006. Assim, fundou a empresa *Queens of Africa*, com a ideia de promover a confiança nas crianças africanas, fabricando seis modelos de bonecas representantes de grupos étnicos da Nigéria, tais como os Hausa, os Igbo e os Yoruba.

Encontradas na página do Facebook intitulada *Queens of Africa — Black Nigerian/African Dolls*, imagens das bonecas negras e seus diferentes looks típicos ou modernos, batizadas com nomes africanos inspirados em mulheres negras de destaque, procedentes de diferentes partes do mundo estão disponíveis em um sem número de exemplares, junto as fotos das consumidoras de todas as idades que posam, vaidosamente, ao lado das bonecas escolhidas.

Os alunos não tentaram, entretanto, imitar a pintura feita a mão pelas mulheres Ndebele, nem os modelos das bonecas nigerianas, mas cruzaram experiências e as fontes pesquisadas, criando seus próprios modelos, para elas próprias ou com a finalidade de presentear crianças da família (Figura 5).

O processo contou com a colaboração dos alunos e das alunas que formaram grupos para pinturas de tecidos, para a pintura das bonecas e para a costura das vestimentas inspiradas no próprio gosto dos alunos e, especialmente, nas bonecas nigerianas e nas bonecas de Ndebele.

O brincar de fazer bonecas à sua semelhança acabou por tornar o ambiente recheado de memórias de infância sobre brincadeiras e aromas da culinária típica pertencente a cada família ali representada.

Brougère (1995) revela que o ambiente, os objetos lúdicos e as brincadeiras contribuem para a socialização e a interação das crianças. Ao longo do tempo, o empobrecimento e a escassez de valores culturais étnico-raciais diversificados reproduzem um padrão homogêneo e distante da vida de inúmeras crianças — sujeitos em busca de instrumentos de brincar que não espelham outros modos simbólicos de ser, estar e brincar no mundo, mas solidificam uma matriz importada.

Conforme Benjamin (1984), as crianças não crescem isoladas, assim como seus brinquedos, não dão testemunho de uma vida autônoma, mas sim de um diálogo simbólico entre elas e a sociedade.

Nesse processo, tal produção provocou outros olhares para seus próprios corpos e suas histórias de vida, quebrando um pouco do silêncio das construções históricas sobre a diversidade cultural e a opressão de ser considerado, enquanto povo, tábua rasa ou corpo vazio, adaptável e ajustável a qualquer manifestação que visa transformar os modos de ser e de estar dos sujeitos e não das situações às quais foram submetidos (Freire, 2003).

Desse feito, a educação problematiza e solicita a superação, o diálogo e o ato de criação que procura libertar, esperançosamente, um pouco dos sujeitos que,



**Figura 4** · Boneca Azeezah. Fonte:  
<https://www.facebook.com/queensof africanblackdolls>



**Figura 5** · Aluna confeccionando roupa para sua boneca. Fonte: própria.

fundamentados no pensamento crítico e reflexivo sobre o mundo, podem, de certo modo, transformá-lo com a colaboração e sua própria produção material.

Insta dizer que a experiência da compreensão torna-se mais profunda quando somos capazes de associar a vida à leitura do mundo por modos afetivos e/ou sensoriais que, muitas vezes, precedem a compreensão dos conceitos acadêmicos a serem adquiridos no cotidiano escolar.

### Conclusão

Esse exercício crítico e simbólico incluiu desde pesquisas teóricas com o uso de ferramentas virtuais como a produção prática, incluindo desde a história da origem alemã da boneca Barbie até sua versão negra e nigeriana, bem como a pintura das casas e as bonecas Ndebele. O que ficou de todo esse processo, foi a forma afetiva como se envolveram em um trabalho que ultrapassou uma data comemorativa para tornar-se um trabalho de conscientização que se dispôs, naquele momento, a intervir nas condições impostas pelo mercado e pela indústria de brinquedos.

A educação enquanto capacidade de problematizar, desmistificar e criar pela arte possibilita, dessa forma, descobrir os sujeitos da cultura que, como tais, se afirmam mesmo em situações de massificação organizadas pelo consumo no mundo atual.

### Referências

- Benjamin, Walter (1984) *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus,
- Brougère, Gilles (1995) *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez,
- Equipa MMO. *Arte e Arquitectura Africana do Povo Ndebele*. [Consult. 2012-11-03]. Disponível em URL: <http://www.mmo.co.mz>.
- Freire, Paulo. (2003) *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra.
- Freire, Paulo (2001) "Carta de Paulo Freire aos professores". *Estudos Avançados*.

ISSN 1806-9592. Vol.15 (42): 259-268.

Disponível em: <http://www.scielo.br>.

- Munanga, Kabengele (2005) *Superando o Racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

- Ugonna, Chinenye (2015) "Nigerian doll created by Taofik Okoya now outselling Barbie." *Premium Times*. 2 fevereiro. Disponível em URL: <http://www.premiumtimesng.com/arts-entertainment/176145-nigerian-doll-created-taofik-okoya-now-outselling-barbie.html>